

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

267

INSCRIÇÕES 892-894



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2024

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL



CUPA DE BELMEQUE (SERPA)
(*Conventus Pacensis*)

Cupa, fragmentada, de mármore de Trigaches, identificada, a 21 de Setembro de 2023, na Herdade de Belmeque por António Manuel Monge Soares e Miguel Serra, durante visita a um sítio arqueológico na companhia do proprietário, Manuel Soares Monge, que imediatamente acedeu a permitir a sua recolha para o Museu Municipal de Arqueologia de Serpa¹, onde se encontra exposta, posteriormente incorporada através de doação.

A cupa encontrava-se num aglomerado de pedras calcárias e lajes de xisto, junto a um caminho situado 350 metros a noroeste do Monte da Herdade, de Belmeque, resultante de despregas de terreno em diversos locais da propriedade para implementação de projetos agrícolas. Não se conseguiu identificar o local de proveniência, mas põe-se a possibilidade de se encontrar deslocada, uma vez que foi reutilizada para função indeterminada, podendo ter estado originalmente integrada na *villa* de Poço das Sapateiras / Belmeque², de onde já se havia recolhido uma ara (*ibidem*: 112) e que dista cerca de 600 metros para sul do sítio do achado.

¹ Foi recolhida pelos serviços da Câmara Municipal de Serpa, em Novembro de 2023, para se proceder à sua limpeza, registo, estudo e musealização.

² LOPES, Maria Conceição; CARVALHO, Pedro C.; GOMES, Sofia M. - *Arqueologia do Concelho de Serpa*, Serpa, 1997, p. 56.

A cerca de 400 metros para Oeste do local de achado localiza-se outro sítio arqueológico, o Outeiro dos Potes, que se encontrava a ser intervencionado no âmbito do referido projeto agrícola aquando da identificação da cupa. Este sítio encontrava-se inicialmente identificado como *villa*, mas trabalhos arqueológicos recentemente desenvolvidos apenas revelaram ocupações do período tardo-romano, pelo que a cupa dificilmente estaria associada a este local.

Apresenta fraturas recentes, resultantes da ação da maquinaria no momento da descoberta, e outras mais antigas, possivelmente associadas a um momento de reutilização e outras ações antrópicas.

Dimensões: alt. 46 x compr. 100 x larg. 57 cm. A extremidade direita foi cortada (apresenta marcas de escopro) em cerca de 20 cm, o que prefiguraria um comprimento total de 120 cm.

A lateral oposta possui elementos decorativos inscritos sobre moldura circular que termina junto ao soco. A decoração inclui um “pináculo” (?) ao centro, ladeado por dois motivos florais quadripétalos e um motivo circular (seriam dois, mas um foi destruído por fratura recente). Esta face apresenta ainda três orifícios, o central com 11 cm de diâmetro e 6 cm de profundidade, com formato côncavo, um dos orifícios laterais tem 8 cm de diâmetro com 6 cm de profundidade, mas ainda conserva um elemento em ferro acoplado. O orifício oposto deveria ser similar, mas foi parcialmente destruído por fratura recente.

Na base apresenta outro orifício côncavo (26 cm de diâmetro por 7 de profundidade), próximo da extremidade com a face decorada.

Tem um par de aros de aduela em relevo (2 cm de largura cada) na extremidade esquerda e o epitáfio gravado no dorso entre dois aros triplos de aduelas (também com 2 cm de largura cada um).

O soco, saliente, tem 10 cm de altura e apresenta várias fraturas, quer recentes, quer antigas.

O campo epigráfico está inscrito em moldura dupla em relevo com 37 cm x 22 cm.

D(iis) · M(anibus) · S(acrum) / FAVSTVS · AN[N](orum) ·
XXV (quinque et viginti) / H(ic) · [S(itus) · E(st)] · S(it) · T(ibi) ·
T(erra) · L(evis)g

Consagrado aos Deuses Manes. Aqui jaz Fausto, de 25 anos. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: 4/3,5 cm.

Paginação com tendência para seguir um eixo de simetria, estando os pontos (circulares) já pouco visíveis, devido ao desgaste da superfície do campo epigráfico. Caracteres actuários, de traçado e *ductus* irregulares (a denunciar que terão sido desenhados à mão levantada); S (da l. 1) oblíquo para trás; F muito inclinado para a direita; nexo TL no final.

Na l. 1, o espaço entre o M e o S é superior ao espaço entre o D e o M. Na l. 2, as letras são de traçado irregular e estão mal espaçadas; há um intervalo maior do que o habitual entre FAVS e TVS. Na l. 3, a perna do 2º N é visível junto ao 1º X, mas o resto da letra desapareceu. Na l. 4: S E ilegíveis, os dois T parecem colados, com o 1º muito erodido; nexo TL no final.

Faustus foi, pelo seu significado benfazejo, antropónimo muito escolhido pelos romanos para identificar os seus servos. Na Lusitânia, de acordo com os dados do atlas antroponímico de 2003, haviam-se registado 15 testemunhos, dos quais 8 na capital, Mérida³; no seu tempo, Iiro Kajanto referiu a existência de mais de 1200 indivíduos com esse nome, dos quais cerca de um terço a identificar escravos e/ou libertos⁴.

³ NAVARRO CABALLERO, Milagros; RAMÍREZ SÁDABA, José Luis - *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus 2003, p. 170, mapa 121.

⁴ KAJANTO, Iiro - *The Latin Cognomina*, Helsinki, 1965, p. 272.

Pela simplicidade do texto e também tipologia do monumento, é epígrafe datável da segunda metade do século I da nossa era⁵.

MIGUEL SERRA*
PEDRO MARTINS**
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO***

⁵ Fotos e tratamento de imagem de Vera Pereira e Amélia Fernandes, do Gabinete de Informação, Comunicação e Imagem da Câmara Municipal de Serpa.

* Divisão de Cultura e Património da Câmara Municipal de Serpa; Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património – Universidade de Coimbra; Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto; PAOC – Projecto Arqueológico do Outeiro do Circo (Beja) – PIPA 2019-2021.

** Assistente técnico no Museu de Arqueologia de Serpa.

*** Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.



FIG. 1



FIG. 2

CUPA DE SERPA
(*Conventus Pacensis*)

Dentro da povoação de Monsaraz, à porta do café-bar *Sahida*, encontra-se uma *cupa* que pertence ao proprietário do estabelecimento. Por ser um entusiasta de antiguidades, foi-lhe oferecida por um amigo de Serpa, localidade de origem desta peça.

Serpa seria povoado com alguma importância desde tempos pré-romanos¹ condicionada pela sua proximidade à importante *Colonia Pax Iulia* (cerca de 23 quilómetros em linha recta), à qual estava directamente ligada pela via entre a capital de *conuentus* e *Onuba* (Huelva). A sua área de influência teria numerosos locais de habitação (nomeadamente de tipo *uilla*) e exploração de recursos (Lopes *et al.*, 1997, carta 2; Dias *et al.*, 2019, p. 11).

Esta é uma *cupa* em forma realista de barril, uma tipologia de monumento funerário romano tipicamente alentejana, com numerosos exemplares identificados (novos continuam a surgir com alguma frequência), que se concentra claramente na cidade de Beja e arredores (Encarnação, 1984, pp. 825-826, 851). No concelho de Serpa foram já identificados oito exemplares de *cupae*, quatro deles actualmente anepígrafos². Há também

¹ Já no século II a. C. terá cunhado moeda com a designação *Sirpens*.

² De acordo com ENCARNÇÃO, 1997; em DIAS *et al.*, 2019, um destes (ENCARNÇÃO, 1997, p. 114, n.º 22) é excluído por esclarecimento da sua proveniência (será de Baleizão, Beja), mas outro entretanto identificado é

notícia de mais uma, de paradeiro actualmente desconhecido (Encarnação, 2018). E muito recentemente têm surgido em *websites* (como órgãos noticiosos e a própria página da Câmara Municipal de Serpa) notícias sobre uma nova *cupa* com epígrafe e decorações, doada ao Museu Municipal de Arqueologia e já exposta na Alcáçova do Castelo de Serpa, que será por certo objecto de publicação científica em breve.

Acresce agora a que é presentemente objecto deste artigo.

A *cupa* está desgastada e fracturada, não tendo quaisquer vestígios de epígrafe, se é que alguma vez a teve. Se de facto nunca chegou a ser gravado o epitáfio, como poderá ser o caso de outras (Dias *et al.*, p. 59), poderemos conjecturar a existência de uma oficina lapidária na região de Serpa. É talhada em mármore cinzento de Trigaches, com veios escuros. Apenas uma das extremidades subsiste – não se observando decoração –, estando a outra truncada. Num dos lados mais largos mantém-se parcialmente o soco, plataforma inferior que assentaria sobre a cavidade funerária, e que neste caso tem altura de cerca de 6 cm, projectando-se cerca de 3,5 cm a partir da superfície abaulada da *cupa*. A altura total da peça ronda os 35 cm, formando o topo um semicírculo com cerca de 30 cm de largura, e o comprimento conservado é de aproximadamente 58 cm. A forma do barril, no entanto, teria originalmente (excluindo o soco) um comprimento de cerca de 70 cm. Os aros representados na superfície curva têm 2 a 3 cm de largura. O mais próximo da extremidade dista desta cerca de 3 cm e do aro seguinte cerca de 16. Deste último estende-se a parte central da superfície curva, com uma largura de 19 cm, onde estaria, caso existisse, uma cartela com o nome do falecido.

Apesar da ausência do epitáfio e, portanto, das pistas que este nos poderia dar, esta tipologia funerária é datável dos séculos II/III d. C., sendo assim esta a cronologia que se pode propor para este monumento³.

adicionado (DIAS *et al.*, 2019, pp. 48-49, n.º 31). Todavia, é necessário levar em consideração que este novo monumento não é uma *cupa* em forma realista de barril, pertencendo a outra tipologia – de acordo com Catarina Gaspar (comunicação pessoal) muito próxima das *cupae* de Riotinto, Huelva (sobre as quais ver PÉREZ MACÍAS e DELGADO DOMÍNGUEZ, 2012).

³ Agradeço a João Antunes, proprietário desta *cupa*; a José Martins, amigo

Referências bibliográficas

DIAS, Maria Manuela Alves; BALBÍN-BUENO, Ricardo de; GASPAR, Catarina; GIMENO PASCUAL, Helena; HOYO CALLEJA, Javier del (2019) – *Inscrições Romanas do Concelho de Serpa (Serpa, Conventus Hispalensis, Provincia Baetica)*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos (FLUL) – Fundación General de la Universidad de Alcalá (UAH).

ENCARNAÇÃO, José d' (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.

ENCARNAÇÃO, José d' (1997) – Epigrafia. In LOPES, Maria da Conceição; CARVALHO, Pedro C.; GOMES, Sofia M. – *Arqueologia do Concelho de Serpa*. Serpa: Câmara Municipal de Serpa, pp. 103-123.

ENCARNAÇÃO, José d' (2018) – Uma cupa perdida de Brinches, Serpa. *Ficheiro Epigráfico*, 176, n.º 669.

LOPES, Maria da Conceição; CARVALHO, Pedro C.; GOMES, Sofia M. (1997) – *Arqueologia do Concelho de Serpa*. Serpa: Câmara Municipal de Serpa.

PÉREZ MACÍAS, Juan Aurelio; DELGADO DOMÍNGUEZ, Aquilino (2012) – Las *cupae* de Riotinto (Huelva). In ANDREU PINTADO, Javier, ed. – *Las cupae hispanas: origen / difusión / uso / tipología*. Uncastillo: Fundación Uncastillo, pp. 301-339.

RICARDO CAMPOS*

de longa data que para ela me chamou a atenção; e a Rui Mataloto pelas informações prestadas. Esta publicação integra o projecto de I+D+i PID2019-107905GB-I0 financiado por MCIN/ AEI /10.13039/501100011033.

* Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.



FIG. 1 — A cupa fotografada em 2024.04.28



FIG. 2 — Cupa total



FIG. 3 — Um dos topos

CUPA DE VALVERDE, MAFRA
(*Conventus Scallabitanus*)

No dia 14 de Agosto de 2024, Carlos Maneira e Costa identificou esta cupa reempregada como elemento de construção no remate de um muro de pedra, na abertura do portão de uma propriedade sita na Rua da Liberdade, n.º 64, em Valverde, Mafra.

Estava colocada em posição vertical, fincada no solo, com outras pedras soltas por cima, colocadas por certo num processo sumário de reparação do muro. Era desde logo visível que a face virada para cima permanecia há muito truncada, nada restando da superfície original (e da hipotética epígrafe). No dorso semicilíndrico há um entalhe transversal pronunciado, sem dúvida um encaixe para adaptação da peça a peso de lagar. Esta é, de facto, uma reutilização comum destes monumentos, embora esta particular variante técnica quanto ao posicionamento do entalhe não seja habitual. É, porém, bastante corrente nos pesos de lagar de séculos mais recentes que frequentemente se vislumbram nesta zona oeste do território do antigo *municipium* romano de *Olisipo*, e figura nas tipologias definidas por Brun¹.

¹ *Apud* PEÑA CERVANTES, Yolanda (2014) – Bodegas y almazaras en *Hispania*: estructuras y ámbitos de producción, in BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; BERNAL CASASOLA, Darío, [eds.] – *Artifices Idoneos: Artesanos, talleres y manufacturas en Hispania*, Mérida: Instituto de Arqueología, p. 215, fig. 3, n.º 57.

Após abordagem ao proprietário, este retirou a peça do muro, sendo então possível verificar que a face que assentava no chão se encontra anepígrafa. Apesar de algum desgaste da sua superfície, é provável que o epitáfio, caso tenha existido, haja sido gravado na face oposta, destruída. Esta truncagem deve ser, presumivelmente, de datação bastante antiga, uma vez que se afigura anterior à adaptação a peso de lagar; na verdade, o referido encaixe foi cortado pelo centro da peça considerando-se as respectivas proporções já no estado de mutilação. Aliás, atendendo ao que conhecemos desta tipologia, o comprimento original teria mais 30 a 40 cm do que a dimensão actual.

Segundo o proprietário, a peça foi efectivamente retirada de um lagar próximo e então deslocada para o dito muro (segundo evidências fotográficas, há 14 anos já aí se encontrava), podendo portanto tirar-se a conclusão de que a sua transformação em peso haverá sido, muito provavelmente, determinada em função das necessidades práticas de equipamento daquele mesmo lagar.

Trata-se de uma típica cupa lítica do *municipium Olisiponense*, de que conhecemos numerosos exemplares² concentrados sobretudo na zona de Odrinhas – Faião (a cerca de quatro quilómetros em linha recta a partir de Valverde). É talhada no lioz rosado local, e tem como dimensões aproximadas 52 cm de altura, 62 de largura e 80 de comprimento. Apenas a largura corresponderá à medida original, estando as demais adulteradas pelos desgastes do tempo. O troço que se conserva da moldura lateral atinge cerca de 17 cm de altura (originalmente seria um pouco mais). Na face inferior restam alguns vestígios da moldura de encaixe com o bloco-base, desaparecido; esta moldura teria cerca de 13 cm de largura ao longo do perímetro.

A largura do entalhe que mais tarde foi feito para adaptação a peso de lagar ronda os 15 cm; na posição central há uma depressão circular causada pelo fecho metálico do fuso.

² CAMPOS, Ricardo (2023) – *Um tipo de monumento funerário romano: as cupae líticas do municipium Olisiponense*. Onoba Monografías 15. Huelva: Publicaciones de la Universidad de Huelva.

Podemos atribuir a esta cupa, genericamente, uma cronologia do séc. I d. C., com escassa margem posterior.

Dentro dos limites do actual concelho de Mafra, este é o sexto monumento desta tipologia actualmente identificado. Note-se que alguns exemplares mafrenses têm vindo a ser reconhecidos no terreno em tempos recentes. Junta-se assim o presente monumento aos publicados no *Ficheiro Epigráfico* 226, de 2021³.

CARLOS MANEIRA E COSTA*

RICARDO CAMPOS**

MARTA MIRANDA***

³ Esta publicação integra o projecto de I+D+i PID2019-107905GB-I0 financiado por MCIN/ AEI /10.13039/501100011033.

* Arqueólogo da Câmara Municipal de Mafra.

** Investigador do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

*** Arqueóloga da Câmara Municipal de Mafra.



FIG. 1



FIG. 2

894